

Expediente

Identidade!

Periódico do Grupo Identidade da Faculdades EST/IECLB
Vol. 11, janeiro-junho/2007

Apoio: Federação Luterana Mundial – FLM

Periodicidade: Semestral

Tiragem: 2.000 exemplares

Revisão: Luís M. Sander

Diagramação e impressão: Con-Texto Gráfica e Editora

Capa: Marcelo Ricardo Zeni

Coordenação/organização geral: Selenir C. Gonçalves Kronbauer

Responsável por este número: Selenir C. Gonçalves Kronbauer

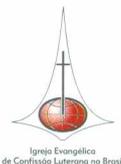
Endereço para contato Grupo Identidade:

Escola Superior de Teologia

Caixa Postal 14 – Tel. (51) 2111-1400 – CEP 93001-970 – São Leopoldo/RS

E-mail: identidade@est.edu.br – Site: www.est.edu.br

Obs.: São de total responsabilidade dos autores os textos por eles escritos.



Igreja Evangélica
de Confissão Luterana no Brasil



www.est.com.br



Fundação Luterana de Discípulos

Aceita-se permuta :: Exchange is requested :: Wir bitten um Austausch :: Pídese canje

Conselho Editorial

Afonso Maria Logório Soares - PUC/SP

Alceu Ravello Ferraro - UNILASALLE/RS

Elaine Neuenfeldt - EST/RS

Gabriel Grabowski - FEEVALE/RS

Georgina Helena Lima Nunes - UFPEL/RS

José Ivo Follmann - UNISINOS/RS

Lilian Conceição da Silva Pessoa de Lira - IPA METODISTA/RS

Magna Lima Magalhães - FEEVALE/RS

Maricel Mena Lopez - Pontificia Universidad Javeriana - Colômbia

Marga Janete Stroher - EST/RS

Peter Theodo Nash - Wartburg College/EUA

Ricardo Willy Rieth - EST/RS

Indexação:

Qualis CAPES: A Local

Área de avaliação: Filosofia/Teologia: subcomissão Teologia

Qualis CAPES: B Local

Área de Avaliação: Educação

Editorial

O décimo primeiro volume de *identidade!* aborda a temática Comunicação e Negritude. Será o primeiro a ser publicado com a nova organização do periódico. Os artigos aqui apresentados buscam retratar a presença negra, trazendo a discussão de diversos temas a partir do eixo Comunicação.

No primeiro artigo, João Batista Nascimento dos Santos, em seu texto “O negro representado na revista Raça Brasil”, aponta que, para se ter a devida compreensão do papel dos meios de comunicação, é fundamental o entendimento do poder simbólico dos produtos da indústria cultural e da representação que esses produtos engendram, particularmente dos afro-descendentes, pois seu discurso tem influência na interpretação desenvolvida pelos sujeitos sobre assuntos sociais importantes, como a questão racial no país.

No segundo artigo, Iuri Andréas Reblin, apresenta “Cinema e cultura afro-descendente: Apontamentos de uma intelectualidade solidária”; uma visão crítica de como a questão da cultura afro-descendente é esboçada pelo cinema, instigando a uma reflexão sobre sua subjetividade e a forma como alguns estereótipos e estigmas se criam e mantêm através desta mídia. Por fim, faz um apelo à intelectualidade para que reescreva esta página da vida social, de maneira a oportunizar um convívio social

harmonioso entre todos os seres humanos.

No terceiro artigo, Arilson dos Santos Gomes aborda, através de informações localizadas em fontes jornalísticas, como foram registradas as reportagens sobre o Primeiro Congresso Nacional do Negro realizado na cidade de Porto Alegre entre os dias 14 e 19 de setembro de 1958. Aponta as relações existentes entre a imprensa porto-alegrense e a Sociedade Beneficente Floresta Aurora por ocasião desse importante evento, amplamente divulgado pelos “veículos jornalísticos”.

No quarto e último artigo, Ezequiel de Souza e Hênio Santos de Almeida problematizam a relação existente entre as reivindicações do Movimento Negro e o debate público sobre elas, fruto de disputa política e, portanto, sem a possibilidade de neutralidade por parte dos debatedores. Num momento em que as universidades públicas iniciam as discussões sobre ações afirmativas, o debate tornou-se imperativo a publicação de reportagens em jornais e revistas de todo o país.

Um agradecimento especial aos nossos colaboradores. Desejo a todos uma boa leitura!

*Prof.^ª Ms. Selenir C. Gonçalves
Kronbauer*

*Coordenadora do Grupo Identidade da
Faculdades EST/IECLB*

Apresentação do Reitor

Aprendemos do filósofo político italiano Norberto Bobbio que uma das características básicas da democracia se relaciona ao exercício em público do poder comum, que se sustenta e traduz na sua transparência. Nesta perspectiva, a comunicação se torna um meio fundamental para o avanço do diálogo entre os/as diferentes e, mesmo, entre os/as desiguais.

Para além da pura informação, facilmente manipulada por interesses estranhos aos princípios democráticos, a comunicação possibilita a superação de barreiras e o resgate de experiências libertárias, sinalizadoras de uma realidade que vivemos em sua incompletude.

O Evangelho de Jesus Cristo em suas quatro versões bíblicas testemunha a diversidade que se comunica por sinais. A tão conhecida parábola do bom samaritano, conforme Lucas 10, constitui-se num sinal de como a misericórdia divina rompe as barreiras entre pessoas, etnias e credos religiosos. Não seria um exagero interpretativo colocar os negros e as negras no lugar do samaritano que agiu misericordiosamente para com o assaltado judeu.

A misericórdia divina não olha a cor da pele, o credo religioso, a filiação partidária ou outra condição social, que nos diferenciam e que, lamentavelmente, tornam-se motivos para estigmas e exclusão. Em outras palavras bíblicas, Deus não

faz acepção de pessoas. Ele não nos avalia pelas nossas máscaras construídas socialmente.

Portanto, é a misericórdia que possibilita a comunicação entre diferentes para que as desigualdades sejam superadas. Desta forma, a boa nova de Jesus transforma as desigualdades produzidas pela competição, tão a gosto do mercado, numa diversidade reconciliada, como sinal do Reino.

Neste horizonte, o Grupo Identidade vem colocando sinais animadores nos espaços acadêmicos, eclesiais e da sociedade civil e política através de seminários, cursos, palestras, aulas, pesquisas e produção de textos como os desta revista.

A intensa atividade deste pequeno grupo da Faculdades EST nos revela que uma minoria, jamais confundida com a elite, torna-se fermento da inclusão transformadora das estruturas injustas.

Somos gratos pela presença ativa deste Grupo em nosso meio. Gratos também por todas aquelas pessoas que o apóiam com sua crítica e pela solidariedade material e espiritual de evangélico-luteranos dos Estados Unidos da América do Norte.

A misericórdia torna o mundo comunicativo e dá uma alma generosa ao Globo.

Oneide Bobsin
Reitor das Faculdades EST

Apresentação

identidade! nova fase com antigas e novas propostas

O Grupo Identidade tem a honra de apresentar o décimo primeiro volume do *identidade!*, periódico publicado semestralmente abordando a temática da Negritude. Ao longo de suas edições, vem numa crescente evolução, demonstrando inicialmente, a opinião de um grupo de estudantes negros da Graduação em Teologia fundamentada numa teoria direcionada à leitura da Bíblia na perspectiva da Negritude e nas discussões em relação à inserção desses alunos nas comunidades da igreja luterana. Isso tem permanecido até hoje como base para as nossas pesquisas e diálogo com as demais ciências, porém, com abertura para as diversas religiões e áreas do conhecimento.

O diálogo entre as diversas religiões, a articulação entre as diferentes áreas do conhecimento e a discussão na perspectiva da religião como ciência têm sido a tríade que vem dando a tônica nas nossas discussões e pesquisas. Essa abordagem tem se configurado como elemento ancorador em nossos estudos, bem como a promoção de eventos junto às comunidades e a inclusão da disciplina Religião e Cultura Afro-Brasileira no currículo do Curso de Bacharelado em Teologia. Esses são indicativos de que o Grupo Identidade avançou no sentido de buscar atender o que a EST tem como missão, que é “promover o

Ensino, a Pesquisa e a Extensão com excelência acadêmica, contribuindo para a capacitação de profissionais éticos e solidários, que atuem de modo a promover, através de seu desempenho profissional, a dignidade humana”.¹

Nos últimos anos, o periódico *identidade!* vem abordando a temática numa perspectiva diferente, uma vez que o grupo de pesquisa vem se constituindo como um grupo de reflexão interdisciplinar e ecumênico, no qual participam estudantes da Graduação, do Programa de Pós-Graduação da Escola Superior de Teologia e de outras Instituições de Ensino Superior. Essa nova configuração apresenta-se como um diferencial para o Grupo Identidade, o que podemos constatar através da repercussão nas discussões acadêmicas e, em especial, através de comentários enviados pelos diferentes públicos que acessam nossas publicações. O mais recente comentário que recebemos foi do bibliotecário Germano Streese, do Luther College em Decorah / Iowa-USA, destacando uma publicação realizada pelo professor de Antropologia John Burdick², da University Syracuse, onde o Grupo Identidade é citado como um dos grupos de destaque entre os referenciais pesquisados no Brasil.

A partir da informação de Germano, constatamos que o Grupo Identidade ganhou destaque no artigo *Why is the Black Evangelical Movement Growing*

in Brazil escrito pelo professor John Burdick, que foi informado a respeito do grupo através dos brasileiros Hernani Francisco da Silva, Rolf Prieto da Souza, Antonio Olímpio de Sant'Ana e outros residentes em São Paulo e no Rio de Janeiro. A análise realizada por ele revela a importância do periódico *identidade!* na pesquisa teológica, a qual foi elaborada inicialmente sob os eixos: negritude, teologia cristã e feminismo. Ele ressaltou, ademais, os simpósios “Abrindo as portas da Igreja”, eventos realizados pelo Grupo Identidade em sua primeira edição em 2001 e em sua terceira edição em novembro de 2006.

O artigo de Burdick serve de “sensor ou termômetro” externo para percebermos os caminhos que o grupo tem percorrido. Vale assinalar três elementos básicos que revela este artigo: primeiro, o Grupo Identidade é conhecido no território nacional brasileiro como o grupo do Sul que leva a pesquisa acadêmica, que pode ser encontrada nos livros publicados (Abrindo Sulcos, Bíblia e Negritude, Negro sim, Negra sim como Deus me criou) e nos Periódicos.

Um segundo elemento: o grupo está plenamente identificado e em diálogo com a igreja através dos simpósios “Abrindo as portas”. A estes eventos se deve acrescentar o nosso envolvimento a favor da luta do quilombo da Família Silva, assim como as múltiplas assessorias realizadas junto às comunidades cristãs e quilombolas no Programa de Formação para Agentes Multiplicadores de Pastoral Afro-

PROFAMPA no Rio Grande do Sul, em 2004/2005, e em Minas Gerais, em 2006/2007, programa organizado pelo Centro Atabaque de Cultura Negra e Teologia/SP.

Um terceiro elemento tem a ver com o impacto internacional do Grupo, mostrado no Encontro Anual da *Revista Bíblica Latino-Americana* em 2004, no Fórum Social Mundial em Porto Alegre, em 2005, na IV International Conference Black Lutherans em São Leopoldo, em 2005, na 9ª Assembléia do Conselho Mundial das Igrejas, em Porto Alegre, em 2006, na Terceira Consulta Internacional de Teologia Negra, em 2006, no III Simpósio “Abrindo as portas das igrejas”, em 2006, e no próprio artigo de John Burdick, que nos coloca dentro do âmbito da universidade de fala inglesa.³

Estes três elementos apontados foram um dos incentivos no Grupo para discutir e aprovar uma nova fase do periódico *identidade!*: que permanecer (proposta antiga), por um lado, insistindo no diálogo e no trabalho para dentro da IECLB e das comunidades cristãs; e, por outro lado (proposta nova), avançar na pesquisa transformando o Boletim *identidade!* numa revista com resultados de pesquisas e trabalhos acadêmicos, artigos que permitam estabelecer um diálogo apropriado com a intelectualidade brasileira e estrangeira.

Nossa intenção, neste momento, é de oportunizar aos nossos leitores a possibilidade de um referencial teórico,

trazendo, nos artigos publicados, os resultados de pesquisas e trabalhos realizados por estudantes, professores e pesquisadores sobre a temática da Negritude. É também um compromisso do Grupo ampliar sua investigação para outras áreas do saber além da teologia, já que as condições exigidas pela realidade brasileira após a Lei 10.639/2003 demandam uma contribuição que intente dar conta dos desafios que se apresentam tanto na sala de aula como na vida cotidiana.

*Selenir C. Gonçalves Kronbauer*⁴
*Pedro Acosta Leyva*⁵

Notas

- 1 Projeto Político Institucional-PPI da EST, p. 8.
- 2 Segundo informações da Editora Mauad, John Burdick morou no Rio de Janeiro-Baixada Fluminense para realizar seu trabalho de pesquisa sobre a religiosidade nas regiões urbanas brasileiras e é autor do livro *Procurando Deus no Brasil*, publicado pela mesma editora.
- 3 ACOSTA LEYVA, Pedro; SOUZA, Ezequiel de; MELLO, Luis Carlos. História do Grupo Identidade: Uma década de vida e contribuições. *Identidade*, vol. 09, jan.jun. 2006.
- 4 Mestre em Teologia na Área Religião e Educação pela Escola Superior de Teologia/EST em São Leopoldo/ RS. Coordenadora do Grupo Identidade da EST/IECLB e professora na Escola Superior de Teologia/EST. Professora no Curso de Pedagogia no Centro Universitário Feevale; Supervisora Pedagógica do Ensino Médio e Cursos Técnicos Profissionalizantes da Escola de Educação Básica Feevale Escola de Aplicação.
- 5 Pedro Acosta Leyva, teólogo afro-cubano, é doutorando na Escola Superior de Teologia (EST-IEPG), em São Leopoldo, R/S-Brasil. Fez o mestrado na EST-IEPG e sua graduação no Seminário Evangélico de Teologia em Matanzas/Cuba. É integrante do grupo de pesquisa Identidade desde 2002.

O negro representado na revista *Raça Brasil*

João Batista Nascimento dos Santos¹

1. Indústria cultural

O pesquisador inglês John Thompson (2000) define, de maneira ampla, a comunicação de massa como produção institucionalizada e propagação, de modo geral, de bens simbólicos por meio da transmissão e do armazenamento da informação/comunicação. Assim concebendo a comunicação de massa, o autor destaca a necessidade de entendê-la relacionada às instituições com interesse na mercantilização das formas simbólicas. As formas simbólicas são “um amplo espectro de ações e falas, imagens e textos, que são produzidos por sujeitos e reconhecidos por eles e outros como construtos significativos” (Thompson, 2000, p. 79). O poder simbólico vem a definir o papel que os meios de comunicação desempenham na sociedade moderna, contribuindo na formação da cultura.

Para se ter a devida compreensão do papel dos meios de comunicação, é fundamental o entendimento do poder simbólico dos produtos da indústria cultural e da representação que esses produtos engendram, particularmente dos afro-descendentes, pois seu discurso tem influência na interpretação desenvolvida pelos sujeitos sobre assuntos sociais importantes, como a questão racial no país. Vários estudos demonstraram que os meios de comunicação no Brasil comumente apresentam de forma negativa o afro-descendente. Esta representação é reflexo das relações raciais existentes

na sociedade brasileira, onde os brancos, com sua auto-identidade, definem de forma negativa a hetero-identidade negra. Simbolicamente, essa representação reforça uma identidade negativa para os afro-descendentes.

É necessário considerar que a comunicação mediada é um fenômeno contextualizado, ou seja, é influenciada pelo contexto social. Assim, a representação dos afro-descendentes nos meios de comunicação do país é influenciada por duas perspectivas adotadas na definição da identidade do brasileiro, as quais não valorizaram a diversidade da população. Primeiramente, a ideologia do branqueamento, que objetiva formar uma nação branca, é apontada como o fundamento da valorização da origem européia e da aparência branca bem como da conseqüente desvalorização do fenótipo do negro, resultando, entre outros aspectos, na baixa auto-estima de muitos afro-descendentes. Em segundo lugar, o mito das três raças desenvolveu uma identidade mestiça, dificultando o estabelecimento dos limites da cor e fazendo com que as manifestações negras perdessem sua especificidade e fossem entendidas como brasileiras. Além disso, esse mito fez com que os próprios afro-descendentes passassem a se definir como brasileiros, não remetendo às suas origens negras e ocultando os conflitos raciais no país.

Todo esse contexto se reflete nos

produtos da indústria cultural brasileira, em que “nem mestiços nem morenos” obtêm vantagens sobre os negros, pois os meios de comunicação do país têm como ideal a aparência euro-norte-americana para representar os indivíduos nos seus produtos. Assim, a revista *Raça Brasil* é um veículo que se diferencia em meio à indústria cultural brasileira por se propor a representar de forma ampla e positiva o afro-descendente.

2. Revista *Raça Brasil*

A publicação da revista *Raça Brasil* iniciou em 1996, e, ao longo desse período, percebem-se duas fases distintas². A primeira caracteriza-se pelo teor afirmativo da questão racial e do negro, enquanto a segunda é marcante pelo fato de que a abordagem passa a centrar-se em assuntos relacionados com a estética e a moda.

A análise abrangeu as edições realizadas até o ano de 2004, sendo que foram consideradas as diferentes linhas editoriais que a revista apresentou. O primeiro momento da publicação vai da revista nº 1 de setembro de 1996 até a nº 48 de agosto de 2000. A segunda fase começa na edição nº 49 de setembro de 2000 e vai até a revista nº 72 de janeiro/fevereiro de 2004.

A revista *Raça Brasil* produz e difunde uma representação do negro que acaba por ser incorporada pelo leitor em sua compreensão de mundo e, possivelmente, é usada para reflexão e auto-reflexão. Assim, a representação do negro nessa revista constrói significados que são intercambiados pelos indivíduos que formam a cultura.

A repetição do discurso da revista nas conversas cotidianas, a reinterpretção, o comentário e a crítica constituem um processo de construção/reconstrução do discurso que torna possível sua impressão no tecido simbólico da vida cotidiana.

Nesse sentido, a revista *Raça Brasil* produz valores sobre o negro que são partilhados na sociedade brasileira, através da ampla exposição de textos e imagens positivas de afro-descendentes. Além disso, principalmente na primeira fase, apresenta um discurso contundente, de afirmação de valores positivos sobre o negro. Tudo isso é feito pela perspectiva do mercado, pois a revista surge em razão dos interesses comerciais da editora Símbolo, que procurou encontrar novos segmentos de mercado para desenvolver produtos culturais voltados a eles.

A revista *Raça Brasil* é um dos veículos da chamada nova imprensa negra, que é resultante, nos anos 90, da consciência etnicista, surgida nos anos 60, com o movimento *Black Soul* (SodrÉ, 1999). Soma-se a isso a descoberta de um segmento de classe média negra. A revista, na perspectiva comercial que segue, apropria-se de algumas manifestações dos movimentos sociais que têm, entre outras metas, a redefinição da identidade negra, a luta contra o racismo, a construção da auto-estima positiva para a população negra, melhores condições econômicas, acesso ao mercado de trabalho, a consideração da diversidade racial do país e a assunção dos mestiços como negros.

Algumas dessas questões aparecem no discurso da revista, que, em parte,

também leva em consideração o contexto social vivido pelos afro-descendentes, mas sob a perspectiva da classe média negra, público ao qual se dirige. Nesse sentido, a revista *Raça Brasil* pode ser entendida como uma estratégia de identidade (Cuche, 1999) elaborada pelos produtores da publicação, que desenvolvem uma representação cujo objetivo é a identificação do leitor com modelos de ascensão social do negro, auto-estima e a assunção de mestiços como negros.

Na primeira fase, a publicação era definida pela editora como uma revista de variedades, sendo, provavelmente, dirigida tanto ao público feminino quanto ao masculino. Já na segunda fase, a revista se destina basicamente ao público feminino, definido como orgulhoso de sua cor e de sua cultura e que já alcançou alto poder de consumo. A editora aponta que as mulheres são 63% dos seus leitores. A representação positiva do negro (SodrÉ, 1999) vem a responder aos anseios de muitos afro-descendentes de se verem positivamente representados, principalmente a classe média negra com seus ideais de ascensão. Nesse sentido, é necessário considerar que a identidade cultural dos afro-descendentes está inserida numa identidade mais ampla que é a identidade social, a qual está vinculada a determinada classe social e sexual, entre outros aspectos.

O próprio nome da revista *Raça Brasil* é uma forma de reconstruir positivamente a identidade do negro. O uso do termo “raça” no título da publicação levou para a esfera dos meios de comunicação sua ressignificação com valores positivos.

Raça é um termo que, conforme os valores partilhados na cultura nacional, foi associado a significados negativos e que, no contexto do período após a Segunda Guerra Mundial (SODRÉ, 1999), reaparece com a possibilidade de resgatar e ressignificar simbolicamente a subjetividade negra. O termo raça é, também, utilizado pelos próprios negros, conforme Aroldo Macedo, primeiro editor-chefe da revista, para definir os indivíduos que pertencem ao grupo étnico. Esse é mais um elemento do qual a revista se apropria para construir seu discurso da valorização negra e que, no âmbito dos meios de comunicação, passa a ter ampla difusão, o que é uma das características desses meios (Thompson, 2002). O termo raça, associado às imagens de capa, constrói a valorização do fenótipo negro. Já o nome *Raça Brasil* também remete à idéia de que a raça negra é majoritária no Brasil, representando também o povo brasileiro como negro, mas um negro valorizado positivamente.

Embora o conceito de raça remeta a uma idéia de brasilidade sem valorizar a origem africana (SodrÉ, 1999), a revista, na primeira fase, destacava a origem africana ao apresentar, por exemplo, na seção *Outras palavras*, espaço destinado a cartas dos leitores, imagens de selos de países africanos, como Moçambique e Angola.

Outro elemento importante é o slogan *A revista dos negros brasileiros*, que vinha no topo da capa da *Raça Brasil* e deixou de constar da publicação a partir da edição nº 36, no quarto ano de existência da revista, ainda na primeira fase. A capa, com

isso, perdeu um pouco da força do seu significado, pois a revista se definia como referência, ou seja, como o veículo de comunicação do negro. Embora o nome *Raça* e as imagens de afro-descendentes na capa tenham forte significado, o slogan reforçava ainda mais a questão da representação étnica da revista.

O slogan representa um negro que se assume como tal, embora seja destacada por vários autores a dificuldade de muitos afro-descendentes em se definirem como negros. Geralmente, eles se identificam como brasileiros e não como negros, como destaca Renato Ortiz (1985), ou ainda por meio de ampla classificação cromática. O slogan é também uma espécie de contrato de adesão, pois define as condições para a leitura da revista, ou seja, ser negro brasileiro, o que também representa uma delimitação geográfica em termos de nacionalidade.

A eliminação do slogan foi seguida por uma série de modificações no todo da revista quando Fran Oliveira assumiu o cargo de editor-chefe, iniciando o que aqui se denominou segunda fase. A revista reduziu, então, as manifestações contundentes sobre auto-estima, bem como a abordagem do preconceito racial e da situação social do negro. Para exemplificar isso, pode-se citar a supressão de seções como *Memória*, que falava de personagens negros importantes na história do país, ou da seção *Negros em Movimento*, que destacava o trabalho social de ONGs e outras entidades ligadas à causa negra. Pela análise, percebe-se que as frases e imagens que compõem textos

afirmativos praticamente deixaram de ser empregadas. Passaram a predominar textos com sentido mais amplo e voltados à estética negra. Além disso, as mudanças pelas quais a revista passou fizeram surgir um projeto gráfico com menos elementos, apresentando cores de fundo mais claras, num perfil mais próximo ao de uma revista de moda.

Apesar das diferenças entre ambas as fases, está claro que a revista busca representar o mestiço como negro em ambos os momentos de sua existência. Na primeira fase, isso se dá de forma mais enfática, por meio de frases de teor afirmativo de valorização da origem negra por parte de alguns mestiços e chegando até a uma cobrança quanto ao posicionamento do leitor no editorial. Na segunda, a revista representa mestiços como negros sem recorrer a um discurso enfático sobre isso, como acontecia na primeira fase.

Outro aspecto que predomina em ambas as fases é a representação do negro, na quase totalidade das capas, através de personalidades do meio artístico, como atores, cantores e também modelos. Embora aparecessem poucas vezes, as pessoas comuns eram sempre bem sucedidas profissionalmente. Um dos objetivos da revista é, portanto, representar negros que tenham sucesso profissional, para servirem de exemplo aos leitores. O negro como empreendedor empenhado e que alcançou o sucesso, além de afro-descendentes que conquistaram importantes cargos públicos, como prefeitos, também aparecem na revista. Isso vai ao encontro do comentário de Sodré (1999), que argumenta que a

revista faz do sucesso pessoal um modelo de reconhecimento identitário.

É preciso considerar que a revista também apresentava outros modelos de identidade, principalmente na primeira fase, como, em algumas edições, matérias sobre importantes figuras do meio político e intelectual que marcaram a história do país e se destacaram por realizações importantes, na seção *Memória*. Também trazia entrevistas ou matérias com pessoas que desenvolvem trabalhos sociais, como na seção *Negro em Movimento*. Havia, ainda, a seção *Nossa Gente* com duas páginas, que apresentava pessoas comuns bem-sucedidas em suas profissões.

Na segunda fase, a revista continua apresentando personalidades, mas na maioria das edições aparecem modelos. Em todas as revistas da segunda fase, as capas foram ocupadas por imagens de mulheres. Assim, o afro-descendente que aparece na maioria das revistas nessa fase representa a beleza da mulher negra, voltada a assuntos relacionados à moda e à beleza. Nessa fase, também há espaço para matérias com pessoas ligadas aos movimentos sociais ou políticos.

A revista, nas duas fases, procura representar o negro com alta auto-estima, reforçada por valores positivos, tais como: competência, empenho no trabalho e beleza. Para isso, o discurso dos editoriais representa o negro construindo a auto-estima positiva. Entretanto, o editorial na primeira fase é mais enfático nas afirmações que buscam elevar a auto-estima do receptor, pois se refere freqüentemente

ao Brasil como um país em que grande parte da população é negra; faz afirmações de teor positivo sobre a beleza da população afro-descendente; argumenta sobre a necessidade de os negros terem orgulho de sua cor e de sua raça; cobra do mestiço sua definição como negro; comenta o racismo na sociedade e nos meios de comunicação, além de tratar de outras questões relevantes ao grupo negro. O discurso da revista aborda mais a questão racial.

Na segunda fase, o discurso do editor apresenta apenas breves comentários sobre o racismo, o preconceito ou outros assuntos relativos à questão étnica. O editorial se volta, então, mais à apresentação das matérias que aparecem na revista, sendo bastante superficial quando trata dos problemas que o negro enfrenta, assumindo, muitas vezes, um otimismo exagerado. O editor enfatiza que seu objetivo é proporcionar auto-estima e visibilidade, a qual é abundante na segunda fase, pois é reduzida a quantidade de matérias para dar lugar a várias fotos de modelos.

O negro representado na publicação revela também a beleza do afro-descendente. As pessoas que aparecem na capa estão sempre bem vestidas e com boa aparência, representando um modelo positivo de beleza e auto-estima para o receptor. Em geral, pertencem à classe média, ou seja, a mesma classe social dos potenciais consumidores que inspiraram o surgimento da publicação.

3. Considerações Finais

Conforme Stuart Hall (1997), a representação é uma prática central

que gera cultura e, atualmente, é entendida como um momento-chave no circuito da cultura, que liga representação, identidade, produção, consumo e regulação. A cultura é articulada por todos esses elementos e está relacionada com significados partilhados, enquanto a linguagem é o meio pelo qual as pessoas atribuem sentido às coisas e por meio da qual o significado é criado e intercambiado. O significado só é passível de ser partilhado através do acesso comum à linguagem. Dessa forma, a linguagem é fundamental para o significado e a cultura, sendo entendida como o ponto central por ser o modo de reposição dos valores e significados culturais.

A linguagem constrói significados, porque funciona como um sistema de representações, empregando sinais e símbolos, que significam ou representam para outras pessoas nossas idéias, como também nossos sentimentos. A representação é, pois, um componente fundamental do processo pelo qual o significado é gerado e trocado entre os membros que formam a cultura, o que inclui o uso da linguagem, de signos e imagens, que significam ou representam algo.

Os significados têm papel relevante nas relações de poder e são capazes de definir um grupo étnico. Assim, as representações construídas pelos meios de comunicação, sejam elas positivas ou negativas, influenciam nos conceitos que as pessoas formam sobre os mais diversos assuntos, entre os quais as noções sobre os diferentes grupos étnicos. Nesse sentido, a revista *Raça Brasil* tem papel relevante entre os veículos de comunicação do país, uma

vez que se volta para o segmento étnico afro-brasileiro, que é pouco representado nos meios de comunicação, constituindo-se em uma das vias de ressignificação dos valores atribuídos a esse grupo.

4. Referências

- ARAÚJO, Joel Zito. *A negação do Brasil: o negro na telenovela brasileira*. São Paulo: SENAC, 2000.
- CASTELLS, Manuel. *A era da informação: economia, sociedade e cultura: O poder da identidade*. Traduzido por Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra. v. 2. Tradução de: *The power of identity*.
- CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Traduzido por Viviane Ribeiro. Bauru: Edusc, 1999. Tradução de: *La notion de culture dans les sciences sociales*.
- DIJK, Teun A. Van. *Racismo y análisis crítico de los medios*. Traduzido por Montserrat Basté Kraan. Barcelona: Paidós, 1997.
- FERNADES, Florestan. *Significado do protesto negro*. São Paulo: Cortez, 1989.
- HALL, Stuart (Org.) *Representation: Cultural representations and signifying practices*. Londres: Sage Publications, 1997.
- _____. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 5. ed. Traduzido por Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. Tradução de: *The question of cultural identity*.
- _____. *Da diáspora: Identidade e mediações culturais*. Traduzido por

-
- Adelaine La Guardia Resende [et al.]. Belo Horizonte: UFMG, 2003.
- MÍDIA DADOS 2002. São Paulo: Grupo de Mídia São Paulo: Porto Palavra Editores Associados, 2002.
- MUNANGA, Kabengele. *Negritude usos e sentidos*. São Paulo: Ática, 1988.
- _____. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- SANTOS, Hélio. *A busca de um caminho para o Brasil: A trilha do círculo vicioso*. São Paulo: SENAC São Paulo, 2001.
- SKIDMORE Thomas E. *Preto no Branco: Raça e Nacionalidade no pensamento brasileiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.
- SODRÉ, Muniz. *Claros e escuros identidade povo e mídia no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- THOMPSON, John B. *Ideologia e cultura moderna*. 4. ed. Traduzido por Carmen Grisci [et al.] Petrópolis: Vozes, 2000. Tradução de: *Ideology and modern culture: critical social theory in the era of mass communication*.
- _____. *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*. 4. ed. Traduzido por Wagner de Oliveira Brandão. Petrópolis: Vozes, 2002. Tradução de: *The media and modernity*.

Notas

- 1 Mestre em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Pesquisa desenvolvida na Dissertação de Mestrado.
- 2 Quando do seu lançamento, a revista chegou a atingir a circulação de 250.000 exemplares, enquanto que, em outubro de 2003, foram 21,1 mil.

Cinema e cultura afro-descendente: Apontamentos de uma intelectualidade solidária*

*Iuri Andréas Reblin***

Considerações iniciais

Em primeiro lugar, escrever sobre o cinema e suas fascinações sempre possui um certo coeficiente de instabilidade, pois o cinema sempre remete a alguma emoção contida em nossas entranhas e que vem à tona quando as luzes da enorme sala escura se apagam. Há o perigo de se perder a objetividade necessária para se analisar um determinado produto cinematográfico, por causa da enorme carga subjetiva que o cinema evoca em seus espectadores. Não é à toa que o cinema é chamado, entre outras coisas, de “fábrica de emoções”. No entanto, como o ser humano deve ser compreendido como um ser holístico, objetividade e subjetividade não devem (e não podem) ser totalmente separadas, mesmo em uma análise de cunho mais científico.

Em segundo lugar, num estudo que quer se comprometer em lançar um olhar sobre a cultura e (ou) a religião afro-descendente expressa nas produções cinematográficas, parece meio “estranho” um teólogo descendente de imigrantes europeus ser o autor deste breve ensaio. Apesar disso, como sua preocupação pessoal e como seu exercício intelectual sempre esteve

voltado ao estudo da teologia que permeia o dia-a-dia das pessoas e se encontra expressa nos mais diversos produtos culturais e também pelo fato de já ter se debruçado sobre o assunto da religiosidade afro-descendente no cinema em tempos de formação acadêmica, este autor resolveu aceitar o desafio e traçar alguns apontamentos para quem deseja se aprofundar no estudo da cultura e religiosidade afro-descendente presente no cinema. É com base nisso tudo que também se toma emprestada a expressão “intelectualidade solidária” de Paulo Suess, presente no título acima, para exprimir que, mesmo não pertencendo etnicamente ao grupo dos afro-descendentes (o que também atrofia, em grande parte, o campo de visão e análise), este autor assume o compromisso com o projeto deste grupo.

A relevância do cinema para o estudo da cultura Afro-descendente

Diante de um ensaio que se propõe a estudar ou apontar caminhos para uma análise da cultura afro-descendente presente nas produções artísticas, em especial, no cinema, é

imprescindível começar com a pergunta sobre a relevância desse meio de comunicação para a investigação e a construção do conhecimento que visa a abrir perspectivas para o diálogo, a busca e o resgate de uma equidade entre pessoas de diferentes etnias, classes, gêneros ou credos. Assim, faz-se necessário entender o fascínio e a mensagem que o cinema evoca em quem o visita.

Embora esteja sempre em constante aprimoramento, a partir de novas técnicas e tecnologias que são desenvolvidas, o cinema é o resultado final de uma série de engenhocas que visavam a criar ilusões óticas e *entreter* o público no final do século XIX e início do século XX. A grande maioria dessas engenhocas estava associada à invenção da fotografia, como a “lanterna mágica”, por exemplo, que foi a predecessora do projetor de *slides*, e às brincadeiras de luz e sombra, como a “fantasmagoria” de Philidor e Robertson. No entanto, foi a invenção da fotografia instantânea que propiciou aos irmãos Lumière, Louis e Auguste, a criação do cinematógrafo em 1894¹. E o mundo conhecido até então nunca mais foi o mesmo.

Desde a invenção do cinema, muita coisa relacionada à produção de filmes mudou. Foram incorporados os sons, as cores, a trilha musical, os efeitos especiais e, mais recentemente, as CGIs (as imagens – animadas – geradas por computador, como o Homem-Aranha do filme da trilogia de Sam Raimi), e foi montada toda uma

indústria do cinema que movimentava milhões e milhões de dólares americanos ao redor do mundo. Essa indústria do cinema é responsável desde o planejamento e produção do filme, passando pela concessão de *royalties* (direitos autorais) e pela produção de *merchandises* (mercadorias com a marca do filme) até a sua distribuição e comercialização final. Existe, pois, toda uma estrutura capitalista envolvida na produção e divulgação de um filme. Agora, embora um determinado filme tenha sempre um certo apelo comercial, ele também se sustenta como – e isso é o mais importante para a discussão que este ensaio se propõe a fazer – uma obra de arte².

Um filme possui tanto apelo comercial quanto artístico. Nas palavras dos teóricos da Escola de Frankfurt, um filme é tanto arte quanto *kitsch*³. E é aí que vem a pergunta: é possível um mesmo produto ser tanto *kitsch* quanto arte? A resposta a essa questão começa com uma exceção: a regra não vale para todos os casos, mas vale para o cinema, porque, diferentemente dos quadrinhos, das novelas e dos romances de folhetins (Sidney Sheldon, Stephen King, Paulo Coelho), o cinema é muito mais capaz de provocar (e isso acontece quase sempre) uma experiência empírica e dialogal entre o público, a obra (o filme) e o artista (o cineasta), pois ele é capaz de agrupar “várias formas artísticas como diversos elementos da realidade e apresentá-los

em um curto espaço de tempo, com toda a liberdade que a montagem oferece, sem que estes elementos percam a sua vivacidade e sua capacidade de interagir”⁴:

O cineasta escolhe determinadas percepções brutas da realidade com as quais poderá formar um completo mundo cinematográfico próprio. Pode fazer esse mundo irradiar significados bem além de si mesmo e tirar vantagem de todas as implicações de seu material, transformando-o através de seus “códigos poéticos”. Nos maiores poemas cinematográficos, nós, como “espectadores-participantes”, compartilhamos um mundo complexo que nos transmite um amplo significado humano, porém através do qual sempre podemos reconhecer a ocasional realidade que experimentamos todos os dias. O cineasta dá à realidade uma língua, mas uma língua que fala as palavras do cineasta. A realidade, então, participa de sua própria apoteose, sendo transcendida pela maestria do cineasta, mas nunca sendo totalmente consumida no processo. Sem essa tensão entre uma realidade bruta, que sempre reconhecemos, e o significado humano, que ela é obrigada a transmitir novamente em cada filme, o cinema perde seu poder.⁵

O cinema é a percepção da realidade pelos olhos do cineasta, que quer contar uma história, a qual é traduzida em imagens em movimento

e sons e que é percebida e recebida por quem “ouve” a história. Assim, é a percepção do cineasta que, por um lado, transforma a realidade em poesia e cria um mundo novo (cinematográfico) e, por outro lado, é a percepção do espectador que identifica a realidade em que vive dentro das imagens projetadas. No entanto, a linguagem do cinema transcende o campo das meras palavras e alcança a linguagem dos sentimentos. Ao alcançar a linguagem dos sentimentos, o cinema provoca um diálogo aberto e, muitas vezes, franco do espectador consigo mesmo. Em outras palavras, o cinema transforma-se em arte no instante em que ele se torna uma “fábrica de emoções”⁶. Mais ainda, o cinema é a única arte onde a percepção do espectador adquire um significado e um valor, o que faz com que ele se sobressaia às demais produções artísticas. Nas palavras de J. D. Andrew:

O processo *estético* do cinema compartilha uma profunda realidade psicológica e satisfaz nosso desejo de entender o mundo e uns aos outros de um modo poderoso, mas necessariamente parcial. A estética do cinema baseia-se em sua verdade e necessidade psicológica. E assim o cinema é a maior das artes, pois vai ao encontro dessa necessidade, mostrando-nos o processo de transformação do mundo. As outras artes podem mostrar-nos apenas o resultado final de tal transfor-

mação, o mundo artístico humanizado. No cinema, os seres humanos dizem uns aos outros o que a realidade significa para eles, mas o fazem através da própria realidade, a qual cerca o seu mundo como um oceano.⁷

O cinema é, pois, a “janela” através da qual o espectador vê o mundo que o cerca e o transcorrer da vida real. As cenas são carregadas de emoções que acabam convencendo as pessoas de que estão assistindo à vida cotidiana diante de seus olhos, da qual eles mesmos participam, identificando nela elementos familiares. Isso faz com que o cinema deixe de ser simplesmente um “programa de final de semana” e possibilita que ele se torne também uma espécie de “experiência de vida”. Além disso, ele “não só põe em movimento a emoção e a racionalidade do público, mas também movimenta o público como coletividade, provocando a integração comunicativa deste”⁸, através de diálogos que surgem entre o próprio público antes do filme começar e que perduram depois que o filme acabou, fazendo, assim, com que o filme mantenha a “relação comunicativa com o mundo”⁹. É nessa relação comunicativa que pode ocorrer também uma “experiência religiosa”.

Para R. F. Daniel, “um filme pode ser entendido como religioso desde que o público reconheça nele elementos que pertençam à dimensão religiosa ou que façam alusão à mesma”¹⁰. No caso do cinema, o contato com o religioso ocorre quando o público se encontra ou

se confronta *consigo mesmo*, quando esse encontro lhe revela um retrato franco e verdadeiro de si mesmo, de seus conflitos, descobertas, dúvidas, ao mesmo tempo em que lhe desperta um desejo de mudança, de transcendência. O filme se torna religioso quando seus elementos interagem com o público, conduzindo-o a uma reflexão existencial, a um *insight*¹¹.

R. F. Daniel destaca dois elementos para que o filme contenha o fenômeno religioso, os quais provocam o público a ter uma “experiência de Deus”. São eles¹²: “O encontro com o ser humano dentro das contradições da existência” e “O encontro com o ser humano na perspectiva libertadora da existência”. O primeiro elemento torna-se lugar da revelação de Deus quando confronta o público com a realidade de morte, dor, sofrimento, miséria, injustiça, preconceito, vivida pelo ser humano. O segundo elemento torna-se uma experiência com Deus a partir do momento em que o filme também mostra os sonhos, os desejos e os anseios de libertação de um contexto de repressão.

Diante de tudo o que foi dito até aqui, é importante ressaltar também certas ambigüidades inerentes ao cinema, a fim de que não se crie uma visão ufanista em torno dele. Se, de um lado, o cinema é uma “janela da realidade”, uma “fábrica de emoções”, que pode vir a ser uma “experiência de vida” e até mesmo uma “experiência religiosa”, por outro lado, ele também pode ser utilizado para a propagação

de uma ideologia (principalmente, a estadunidense, como, por exemplo, o filme *Independence Day*), pode servir para concretizar certos modelos e padronizar certos pensamentos (basta lembrar que houve uma época em que Marilyn Monroe chegou a ser padrão de modelo feminino mundial). É dentro dessa mesma amálgama que se pode afirmar também que, em toda a história do cinema, pessoas brancas e loiras foram privilegiadas como heróis e heroínas dos filmes na grande maioria das vezes¹³.

Portanto, da mesma forma com que o cinema pode servir como crítica da realidade, ele também pode induzir a se pensar de uma determinada forma e até fazer com que os espectadores acreditem que a realidade parcial que eles vêem na grande tela é a realidade total e, logo, toda a verdade de algo. Em todo caso, como obra de arte carregada de símbolos e sentidos (um “prato cheio” para quem se ocupa com a semiótica), o cinema também não prende a uma única percepção da realidade e possibilita que pessoas diferentes, de contextos diferentes, possam ter experiências diferentes ao assistirem a um filme. Em razão de tudo o que ele pode evocar e pode provocar (uma virtude de sua evolução até aqui), o cinema torna-se não só um objeto de pesquisa e análise importantíssimo para o estudo do comportamento de uma determinada época e para o estudo da cultura e da religiosidade afro-descendente como também um meio de divulgação de

pesquisa capaz de influenciar e transformar, mesmo que paulatinamente, a própria realidade.

***Crash* – no limite: um exercício analítico**

“É o sentido do tato”.

“O quê?”

“Numa cidade de verdade você anda, esbarra nas pessoas, elas topam com você. Em Los Angeles ninguém toca em você. Estamos sempre atrás de metal e vidro. Acho que sentimos tanta falta do toque que damos encontrões [*crashes*] uns nos outros para sentirmos alguma coisa”.

Ainda durante os créditos iniciais, este é o diálogo que surge para preparar o espectador para aquilo que ele irá encontrar no decorrer de todo o filme: *crashes*, ou, em linguagem portuguesa, *colisões*, *impactos* entre diferentes pessoas, diferentes etnias, diferentes classes sociais, diferentes culturas que vivem numa mesma cidade. É assim que acontece em todo o filme. As pessoas se esbarram, estranham e expõem seus medos, seus conflitos internos, seus preconceitos e toda uma amálgama de valores e sentimentos (bons e ruins) que estão emaranhados na teia social que se constituiu através da história. É dentro dessa teia social que diversas histórias se interconectam e vão formar o conjunto da obra.

O filme fornece abertura para diversas discussões: violência urbana, conflito de classes, violência contra a

mulher, jogos de poder, tráfico humano, relações interpessoais, para citar alguns exemplos. No entanto, o tema central do filme é o preconceito e a discriminação étnica. Como expressou Sandra Bullock, uma das protagonistas do filme, a história “nos permite ficarmos à vontade de novo e sentirmos que estamos seguros, mas não estamos. Não estamos livres de nós mesmos, de nossos preconceitos ou do preconceito dos outros”. Por causa do espaço disponível para esta análise, optar-se-á pela descrição de apenas uma das histórias e pela apreciação de somente uma das situações que ela expõe e que possam contribuir para o tema específico desta revista. De antemão, é importante deixar claro que, de maneira alguma, essa crítica será capaz de esgotar (e nem é essa a intenção) todas as potencialidades do filme em questão ou mesmo da história escolhida por este autor.

Os *crashes* do negro que quer ser branco

Cameron (Terrence Howard) é um diretor de televisão, afro-descendente, bem-sucedido, casado com uma linda mulher que também é afro-descendente. Devido à sua condição financeira, ele não se considera negro. No entanto, todos os *crashes* que ele vai enfrentar (ou sofrer) no decorrer do filme fazem-no reconhecer de que o preconceito racial é muito maior que o *status* profissional que alguém possa possuir. O preconceito étnico tem raízes históricas, culturais, sociais,

políticas, ideológicas, que foram propagadas pela Igreja, pela mídia, nas relações interpessoais cotidianas. O encontro ou o confronto com o diferente nem sempre gera curiosidade ou abertura. Na maioria das ocasiões, o ser humano mantém acionados seus mecanismos de defesa. Entre esses mecanismos, encontra-se o preconceito e a discriminação. Ambos não são, de forma alguma, sadios, pois ambos inferiorizam o outro e negam-lhe a condição e o espaço de ser humano.

O primeiro *crash* de Cameron acontece quando ele e sua esposa retornam de um evento social (uma premiação) durante a noite, e seu carro é parado por uma viatura policial. Ambos estavam bem vestidos e a bordo de um carro muito caro (um Lincoln Navigator, preto, modelo do ano). O oficial branco (Matt Dimon) abusa de sua autoridade, molestando a esposa de Cameron (Thandie Newton) na frente dele, sob a alegação discursiva de que ela possa ter escondido alguma arma nos seus genitais. Toda essa situação já revela que o preconceito contra os afro-descendentes é muito mais que uma questão social ou uma questão classista.

A atitude do policial deixou explícito o preconceito étnico de uma forma violenta. Cameron não reage, silenciando-se e, por fim, pedindo desculpas ao oficial e solicitando que tudo não passe de uma advertência (apesar de não haver infringido nenhuma lei). Cameron engole a

violência e a aceita passivamente. Mais tarde, já em casa, a esposa de Cameron manifesta sua indignação perante a passividade de seu marido e resolve denunciar os policiais, mas é impedida por Cameron. Ela reage, dizendo: “Você tem medo que seu nome saia nos jornais e que seus amigos do estúdio digam ‘nossa, ele realmente é negro!’”. Ao que ele responde, “mais cedo ou mais tarde você vai descobrir o que é ser negro”. E ela retruca: “Como se você soubesse. Sua atitude mais próxima da de um negro foi ver o *Cosby Show*”.

O segundo *crash* de Cameron ocorre no dia seguinte, no trabalho, quando alguém da equipe que trabalha junto com Cameron sugere que um dos personagens negros mude a linguagem, sob o argumento de que ele não está falando como os negros usualmente se expressam. Ele reclamou a ausência das gírias que, em sua visão, fazem parte do estereótipo do que é ser negro e pediu que Cameron regravasse a cena, pois poderia soar falso do jeito que estava gravado. Ao que Cameron retruca: “E você acha que as pessoas vão ter dificuldades em reconhecê-lo como negro por causa disso?”. E ele responde, dizendo que não é próprio daquele personagem e questiona se haveria algum problema em gravar mais uma vez a mesma cena. Cameron, o diretor, aceita passivamente e muda a linguagem do personagem negro.

O terceiro *crash* de Cameron ocorre quando ele está dirigindo sozinho,

como quem quer esfriar a cabeça, e encosta o carro numa esquina e é assaltado por um negro. Nesse momento, ele explode toda a raiva contida pelo que aconteceu e começa a brigar com o assaltante na rua. Uma viatura vê a briga. Cameron e o assaltante entram no carro, continuam brigando, e se inicia uma perseguição policial. Cameron pega a arma do assaltante e guarda em sua cintura. O carro de Cameron é encurralado, e ele desembarca desafiando os policiais, enquanto o assaltante fica escondido no carro. Um dos policiais já conhecia Cameron da situação onde seu parceiro molestou a esposa de Cameron e ajuda a acalmar os ânimos de todos, permitindo com que Cameron pegue o carro e vá para casa, sob a alegação de que ele o conhecia e que estava tudo bem. Cameron embarca em seu carro e, depois de um tempo, estaciona para que o assaltante desembarque. Cameron devolve a arma a ele e diz: “Olhe para mim. Você me envergonha. Envergonha a si próprio”.

A impressão que se tem em relação a essa história é que o personagem Cameron tenta negar suas raízes étnicas e culturais e se proteger na situação confortável que ele conquistou como diretor de televisão. Ele não se considera um afro-descendente. O mesmo acontece com sua esposa, que, ao ser abordada por aquele oficial, se identifica como uma “mulher branca”. No decorrer da violência e da humilhação, Cameron percebe que sua

riqueza não o protege da discriminação. Assim, ele aceita passivamente a violência e não reage, pois sabe que sua condição, naquele momento, era inferior à do policial.

Em seu trabalho, novamente Cameron é confrontado com a discriminação, agora, numa outra perspectiva. Os afros-descendentes são enquadrados em estereótipos de comportamento, de atitude. Ao ouvir a reclamação de que o personagem negro não parecia negro, Cameron, provavelmente, se perguntava se o negro precisa ser representado necessariamente pelo que a “sociedade branca” considera como sendo próprio do negro. O negro não pode falar corretamente? Essa situação lembra os estereótipos brasileiros que todos os dias podem ser vistos nas novelas e nos filmes nacionais: o negro como preguiçoso, falando gíria, traficante, bandido, malandro. Essa cena reflete que a identidade do negro é compreendida de uma forma e representada de uma forma estereotipada nos meios artísticos e de comunicação.

Por fim, Cameron fica indignado quando é assaltado por um outro negro, isto é, alguém que ajuda a manter os estereótipos que estão presentes numa sociedade em que os brancos possuem o poder. Ele confronta o preconceito e a discriminação dos policiais racistas, protegendo o assaltante. Ao proteger o assaltante, Cameron tenta lutar contra a imagem e o preconceito que se estabeleceram na sociedade. O impacto de um crime

realizado por um negro é muito maior que um crime realizado por um branco. E isso acontece também no Brasil. A atitude de um negro repercute por toda a comunidade negra. Se um negro é “ruim”, todos os negros são “ruins”, ao passo que os criminosos “brancos” são vistos sempre como casos isolados. É por esses arquétipos construídos e enraizados na sociedade ao longo de toda uma história de opressão e violência (e contra os quais é difícil lutar contra) que Cameron vai, no final, reproduzir o preconceito, ao mesmo tempo em que Cameron se indigna diante da violência, ao dizer para o assaltante que ele se sente envergonhado pela atitude deste.

Diante de tudo isso, é possível constatar que *Crash – no limite* é um filme que reflete a realidade de uma forma muito crua. As cenas cotidianas são marcadas por tanto realismo que se torna impossível não estabelecer relações com os personagens, diálogos com a própria vida, e torna-se impossível não se emocionar diante de determinadas situações. Nesse sentido, o filme conquistou seu objetivo original: ser mesmo uma janela da realidade, como havia sido planejado desde o início, conforme expressou o roteirista do filme, Bobby Moresco:

Resolvemos de cara que iríamos falar de racismo, mas não lidar com isso, diretamente. Não falamos em racismo, tentamos ser politicamente corretos, o que não nos levaria onde queríamos, dramaticamente, ao filme que o mundo

deveria descobrir. Escolhemos lidar com aquilo diretamente e ficamos cavando a verdade sem ligarmos para o que aparecia. Sabíamos que era feio. Uma hora Paul [Haggis, o diretor do filme] me perguntou: “podemos fazer isso?” E a resposta que me vinha era sempre a mesma: “Se é verdadeiro, é real, é certo, e serve à história que estamos contando, por que não?”. E não permitimos que a feiúra da história nos afetasse. O racismo é algo feio. E ninguém prestaria atenção à história se tentássemos contornar isso.

Por ser totalmente transparente no que tange às situações permeadas pelo preconceito e pela discriminação étnica, parece que o filme não tem a pretensão e nem aponta soluções para o problema que ele apresenta. Todos os personagens são sujeitos e objetos da violência no filme. Não há heróis nem heroínas, alguém em que é possível se espelhar durante o filme. Isso revela, no entanto, que o filme provoca algumas perguntas e deixa-as “no ar”, sem respostas (e isso se torna, enfim, a pretensão deste ensaio também): Afinal, haverá solução para se acabar com o preconceito? Como eliminar os preconceitos, os estereótipos e as injustiças sociais tão emaranhados na teia social? Como garantir igualdade e respeito nas relações humanas e na vida em sociedade? Estão aí perguntas que todos terão que se esforçar muito (brancos, negros, asiáticos, orientais,

homens, mulheres, médicos, teólogos, sociólogos, governantes...) para esboçar uma resposta plausível e possível e coerente com a dignidade de todos os seres humanos.

Notas

* Parte da reflexão do presente ensaio é constituinte de uma monografia realizada no curso de bacharelado em teologia, sob o título “Religiosidade negra na cultura popular: uma perspectiva cinematográfica”, orientada pelo professor Dr. Peter T. Nash, PhD.

** Teólogo, mestrando bolsista do CNPq no Instituto Ecumênico de Pós-Graduação (IEPG) da EST, em São Leopoldo, que tem como objeto de pesquisa a compreensão teológica de Rubem Alves.

1 TOULET, E. **O cinema, invenção do século**. [s.l.]: Objetiva, [s.d.], 176p. (Série Descobertas), e GUNNING, T. Cinema e história: “Fotografias Animadas”, contos do esquecido futuro do cinema. In: XAVIER, I. (Org.). **O cinema no século**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 26ss.

2 BARTOLOMÉ, J. M. G. Verbete: “Cinema”. In: SILVA, B. (Coord.). **Dicionário de Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1986, p. 186.

3 *Kitsch* significa *pseudo-arte, porcaria*. Trata-se de “uma obra de arte

-
- diluída e despida de sua grandeza, mas com pretensões de manter seu *status* de grande arte”. CALDAS, W. **Cultura de massa e política de Comunicações**. São Paulo: Global, 1986, p. 34 (Coleção Para Entender, v. 4). Cf. também COELHO, T. **O que é Indústria Cultural**. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1981, p. 13-21 (Coleção Primeiros Passos, v. 8)
- 4 DANIEL, R. F. Cinema: experiência de Deus. **Revista Eclesiástica Brasileira**. Petrópolis: Vozes, 1998, v. 5, fasc. 230, p. 438.
- 5 ANDREW, J. D. **As principais teorias do cinema**: uma introdução. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989, p. 208.
- 6 AZZI, R. **Cinema e educação**: orientação pedagógica e cultural de vídeos. São Paulo: Paulinas, 1996, v. 1, p. 6. (Filmes em Cartaz).
- 7 ANDREW, 1989, p. 209.
- 8 DANIEL, 1998, p. 438.
- 9 DANIEL, 1998, p. 438.
- 10 DANIEL, 1998, p. 439.
- 11 DANIEL, 1998, p. 440.
- 12 DANIEL, 1998, p. 440-441.
- 13 Em contrapartida, é importante ressaltar que o problema, mascarado ou não, da segregação racial nos Estados Unidos da América é tão pertinente que, vira e volta, aparece nos filmes. Isso também foi responsável pelo surgimento de produtoras cinematográficas e (ou) televisivas (na maioria dos casos, independentes, isto é, não participantes dos grandes conglomerados) organizadas por afrodescendentes e que produzem diversão e opinião sobre o que lhes é próprio. Exemplos: os filmes produzidos pelos irmãos Wayans, séries como “Eu, a patroa e as crianças”, “Um maluco no pedaço”, entre outros.

Primeiro Congresso Nacional do Negro realizado em Porto Alegre no Ano de 1958: assuntos levantados e registrados

Arilson dos Santos Gomes*

Este artigo pretende abordar e levantar, através de informações trazidas das fontes jornalísticas, como foram registradas as reportagens sobre o **Primeiro Congresso Nacional do Negro** realizado na cidade de Porto Alegre entre os dias 14 e 19 de setembro do ano de 1958. Esse *encontro* foi realizado na **Câmara Municipal** de Porto Alegre e na sede social da **Sociedade Beneficente Floresta Aurora**.

Na intenção de apontar algumas “balizas” norteadoras do artigo, serão levantados questionamentos para respondermos e, conseqüentemente, localizarmos informações de como a **SBFA** conseguiu atingir, por ocasião da organização do **Congresso Nacional do Negro**, “enorme” visibilidade na mídia local e nacional.¹

Portanto, pergunto: como se estabeleceu a relação entre o jornal **Correio do Povo** e a comunidade negra? Ocorreram contatos anteriores à realização do Congresso entre a Sociedade Floresta Aurora e este jornal? Qual o sentido dos organizadores do Congresso buscarem apoio na mídia jornalística?

Como os jornais **Diário de Notícias**, **A Hora** e **Correio do Povo** acompanharam o encontro e como eles divulgaram as atividades? Quais matérias/informações tiveram maior destaque nesses jornais? Como esse congresso teve repercussão na imprensa local e nacional?

A **SBFA** nasceu no dia 31 de dezembro de 1872. É a sociedade negra mais antiga do Brasil e foi fundada por Polydorio Antonio de Oliveira, negro forro, na cidade de Porto Alegre entre as atuais ruas Barros Cassal e Cristóvão Colombo. Tinha como objetivo zelar pela comunidade negra material e socialmente, auxiliando inclusive na realização de enterros dignos para os negros porto-alegrenses.²

O jornal **Correio do Povo** foi fundado em 1º de outubro de 1895 por Caldas Júnior. Breno Caldas, diretor em 1975, em um artigo publicado por ocasião das comemorações dos 80 anos de fundação do jornal, explica-nos as dificuldades enfrentadas por Caldas Júnior para fundar e manter o jornal. Segundo Breno Caldas: “O **Correio do Povo** nascera em prédio alugado, pobre de recursos e desprovido da sofisticação técnica de que dispunham, na

época, os grandes jornais”.³

Com o pseudônimo de “Léo Pardo”, o jornalista negro José Paulino de Azurenha (1861-1909) era um dos principais redatores do **Correio do Povo**, “tendo chegado a participar da fundação do jornal junto com Caldas Júnior em 1895” (LAZZARI, 1998).

Individualmente observam-se “laços”, através da fundação do jornal, entre o fundador do **Correio do Povo** e Paulino Azurenha. Mas a nível coletivo podemos destacar um outro acontecimento envolvendo o jornal **Correio do Povo** e a comunidade negra, a organização do **Primeiro Congresso Nacional do Negro** no ano de 1958.⁴

Antes de entrarmos no **Congresso do Negro**, contextualizaremos brevemente o quadro político nacional, as ideologias da época, as influências territoriais do período para a comunidade negra de Porto Alegre e a situação política interna da **Sociedade Floresta Aurora**.

No quadro político nacional, as cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo, por contarem com um maior volume de capital e a existência de um mercado consumidor crescente, tornam-se líderes de lucros e de empreendimentos, com a posição de frente no processo cultural e político do período desenvolvimentista. Na política, o governo de Juscelino Kubitschek (1956-1961) lança o arrojado Plano de Metas expressando o desejo de modernizar o país nos aspectos socio-econômico-cultural

(BRUM, 1984).

No campo ideológico, o nacionalismo difunde-se entre amplos grupos sociais, surge a consolidação de um “sistema ideológico” com múltiplas vertentes interligadas: neocapitalista, liberal, nacionalista, sindicalista, desenvolvimentista, marxista, etc. (MOTA, 1980).

No sentido da realização do *congresso*, a ideologia presente é a nacionalista, o que devemos aprofundar. Mas o fato do *encontro* ter em sua nomenclatura o adjetivo *nacional* significa que é possível fazer esse apontamento.

Em Porto Alegre, nos anos 50, a comunidade negra vivia um período de transformações, iniciam-se as obras de urbanização advindas com as políticas desenvolvimentistas do período, bairros tradicionais negros são desterritorializados, entre eles o Areal da Baronesa e a Colônia Africana, espaços simbólicos para os negros porto-alegrenses, que, após este período, tornam-se espaços valorizados do ponto de vista imobiliário; a Rua dos Andradas passa a ser o referencial simbólico e identitário para a comunidade negra.⁵

Além dessas mudanças territoriais, o período possibilita a ação coletiva da comunidade negra. Surge, diante de tantas possibilidades, “campo fértil” para as propostas de elevação cultural, política e social desse grupo ainda estigmatizado e carente socialmente.

Após essa breve contextualização

do período, retornemos às questões internas da organização do **Primeiro Congresso Nacional do Negro** e a entidade promotora do *conclave*.

A **Sociedade Floresta Aurora** representa, por ser organizadora desse *congresso*, a possibilidade de um coletivo negro desenvolver, planejadamente, alternativas para a organização da comunidade negra.

Neste período, a **SBFA** tinha como presidente Heitor Fraga. Empossado Valter Santos, em 1958, a sua administração passa a fazer contatos em outras esferas da sociedade gaúcha e do eixo Rio-São Paulo. A entidade tem as suas relações alargadas, o que possibilita a sua contribuição na situação político-social e cultural, não somente da comunidade negra porto-alegrense, mas dos negros gaúchos e brasileiros.

Valter Santos contava, nos quadros administrativos da sociedade, com Julio Soares, Rio Grandino Machado, Dalmiro Lemos, Rui Santos, Eurico Souza, Flávio Silva, Edson Couto e Armando Temperani. Eles iniciam uma nova etapa *florestina* tendo como principal meta o ressurgimento material, social e político da então octogenária sociedade. Antes e após a posse, a atual diretoria encontra uma sociedade em crise.⁶

Como realizar um *evento* dessa envergadura sem dinheiro? Através de relacionamentos e contatos com políticos, empresários, entidades negras do estado e do Brasil e setores da imprensa local e nacional, além de

uma ampla campanha arrecadatória entre os membros sócios da entidade, foi possível a **SBFA** realizar esse *encontro*.

Em atas pesquisadas, localizam-se nomes de apoiadores do *congresso* como as empresas privadas: **Rede Mineira de Aviação**, **Rádio Farroupilha**, indústria de refrigerantes **Pepsi Cola** e os poderes públicos como o Governo Federal, a Assembléia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul e a Prefeitura de Porto Alegre.⁷

Mas após contextualizarmos aspectos políticos, ideológicos, territoriais da comunidade negra e questões internas da **SBFA**, bem como de seus apoiadores, não podemos deixar de entender que esse *congresso* deva ser pensado à luz dos *encontros* que já ocorreram em nosso país anteriormente, dos quais se citam: **Primeiro Congresso Afro-Brasileiro**, 1934, **Segundo Congresso Afro-Brasileiro**, 1937, **Primeira Convenção Nacional do Negro**, 1945, **Segunda Convenção Nacional do Negro**, 1946, **Conferência Nacional do Negro**, 1949, e **Primeiro Congresso do Negro Brasileiro**, 1950, todos propondo, em determinado momento histórico, ações em torno da comunidade negra, cada um com uma proposta diferente, mas todos importantes.⁸

Retornando à ligação existente entre a **SBFA** e o **Correio do Povo**, destaca-se a legitimação do *congresso*

através da divulgação impressa. Os intelectuais dirigentes da **SBFA**, diferentemente dos intelectuais negros que faziam ações a favor da comunidade negra pelotense e fundaram o **Jornal Alvorada**, não tinham o seu próprio jornal para divulgar o evento. Como divulgar e fazer com que o *Congresso* se legitime? Como difundi-lo e fazer com que amplos setores da sociedade tivessem conhecimento do mesmo? Que jornal apoiaria o encontro?⁹

Em reuniões na sede da **SBFA**, ficou firmado o apoio entre a empresa jornalística Caldas Júnior e os organizadores do **Primeiro Congresso Nacional do Negro**, como consta em atas registradas e localizadas no acervo da *entidade*, conforme escrito em ata: “Sr. Presidente (Valter Santos) falou sobre o apoio do vespertino *Folha da Tarde*. Julio Soares fala do apoio dos jornais *Correio do Povo*, *Folha da Tarde* e sucursais do Rio de Janeiro no **Congresso do Negro** a ser realizado por iniciativa desta sociedade o jornalista Adil Silva, dará apoio e cobertura no Rio de Janeiro”.¹⁰

Portanto, através do apoio dos jornais **Correio do Povo** e **Folha da Tarde** (ambos, em 1958, faziam parte da empresa jornalística Caldas Júnior), a **Sociedade Floresta Aurora** conseguiria fazer com que o *congresso* obtivesse repercussão nacional, já que essa empresa tinha escritórios nas duas principais cidades brasileiras do período, São Paulo e Rio de Janeiro.

Conforme o discurso proferido por Valter Santos, presidente da **SBFA** no ano de 1958, na abertura do **Primeiro Congresso Nacional do Negro**, a ligação entre o **Correio do Povo** e a **SBFA** tem início no ano de fundação do *Jornal*, em 1895, quando, através de um convite feito por Caldas Júnior, a banda da sociedade tocou na inauguração da empresa. Naquela época, a sociedade ainda era banda musical; posteriormente, tornar-se-ia entidade social. As palavras de Valter Santos impressas no jornal **Folha da Tarde** evidenciam essas informações e a relação existente entre a sociedade e o jornal: “A banda que se celebrou – frisou o orador – ao ser especialmente convidada pelo Jornalista Caldas Júnior para abrilhantar os festejos de fundação do *Correio do Povo*, a 1º de outubro de 1895 [...]”¹¹.

Nota-se uma questão a ser investigada após se constatar a ligação entre a individualidade e da comunidade negra com as origens do **Correio do Povo**. Será que Paulino Azurenha, além de co-fundador do jornal, também era integrante ou membro da sociedade **Floresta Aurora**? Será que ele tinha relação ou conhecia os fundadores da entidade lá no distante 1872?

Voltando à participação do **Correio do Povo** e à sua parceira com a **SBFA**, por ocasião do *Congresso*, um dos palestrantes foi o jornalista Archymedes Fortini, palestrante de encerramento do *encontro*.

Quando iniciei as pesquisas sobre o

Primeiro Congresso Nacional do Negro, já tinha localizado o palestrante Archymedes Fortini e inclusive sabia que ele era jornalista. Porém, descobri, há poucos dias, que ele não era um jornalista distante ou de fora do Estado, mas um dos homens mais importantes da **empresa jornalística Caldas Júnior**, conforme escreveu Breno Caldas no encerramento de seu artigo elaborado por ocasião dos 80 anos de fundação do **Jornal Correio do Povo** datado de 1975. Segundo Breno Caldas, três nomes simbolizam a existência do jornal: “Caldas Júnior, Dolores Alcaraz Caldas e Archymedes Fortini – a operosidade, o afã e dever”.¹²

Esse artigo de Breno Caldas alusivo aos 80 anos do jornal é revelador quanto à importância de Archymedes Fortini para o **Correio do Povo**. Nota-se que o primeiro agradecimento de Breno é ao parente e fundador do jornal Caldas Júnior. O segundo agradecimento é para a senhora Dolores Alcaraz Caldas, viúva de Caldas, que assumiu as dívidas da empresa após a morte do marido, e, por último, e pensamos que não menos importante, é o agradecimento a Archymedes Fortini. Ou seja, o apoio não estava somente na impressão nas páginas do jornal **Correio do Povo** e dos veículos da **empresa Caldas Júnior**; o apoio ao **Primeiro Congresso do Negro** era humano, ativo e de “corpo presente”.

Nesse sentido, a visibilidade negra proporcionada através da **empresa**

jornalística Caldas Júnior foi diária. Em especial, no jornal **Correio do Povo** a divulgação foi emblemática. As duas reportagens que saíram foram a da abertura do *encontro* e a de encerramento. Contando com páginas centrais, o *evento* foi registrado em matérias de praticamente uma página inteira, o que contribuiu de maneira eficaz para os organizadores do *congresso*, que conseguiram atingir amplas camadas da sociedade. As informações diárias do encontro saíram no outro veículo da empresa.¹³

Passaremos a abordar as informações registradas e levantadas em dois jornais com circulação diária na cidade de Porto Alegre em 1958, o jornal **A Hora** e o **Diário de Notícias**. Como esses jornais acompanharam o *encontro* e como eles divulgaram as atividades?

O jornal **A Hora**, fundado em 30 de novembro de 1954, era regional, sem sucursais em outros estados brasileiros, diferentemente dos jornais da **empresa jornalística Caldas Júnior**. Em contrapartida, o jornal **A Hora**, dirigido por Nelson Dias, ostentava na sua “folha de rosto” a frase: “vespertino de maior penetração no interior”, ou seja, a matéria que ganhava as páginas desse jornal teria uma forte repercussão no interior do estado do Rio Grande do Sul.

Depois dos jornais vinculados à **empresa Caldas Júnior**, notamos que o jornal que mais divulgou o *encontro* foi o **A Hora**. Localizam-se em suas páginas quatro matérias

sobre o **Congresso Nacional do Negro**, todas no centro do jornal. A primeira matéria é encontrada na página 5 do dia 15 de setembro; a segunda, na página 5 do dia 18 de setembro; a terceira está localizada na página 6 do dia 19 de setembro; e a última é um editorial, localizado na página 4 também no dia 19, com o seguinte título: “Êxito do Primeiro Congresso do Negro”. As quatro matérias totalizam 285 linhas impressas com duas fotos.

O jornal é o único que traz dados estatísticos sobre o nível de estudo do negro brasileiro, dando um destaque especial para um dos temas do *congresso*, a alfabetização, além dos elogios destinados aos “excelentes resultados produzidos pelo congresso”.¹⁴

As estatísticas demonstram que o negro sulino é mais alfabetizado do que o negro da região norte do Brasil. Deve-se ressaltar que, embora existisse uma ligeira melhora na região sul, o *congresso* propunha a alfabetização e a elevação cultural do negro em todo o país, conforme matéria registrada: “Alfabetização intensiva do homem negro brasileiro é o caminho para a sua total integração na sociedade”.¹⁵

O terceiro e último jornal abordado é o **Diário de Notícias**. Nesse periódico, saiu uma matéria sobre o *Congresso* no dia 18 de setembro de 1958. Localizada na página 11 e distribuída em 56 linhas, a matéria destaca-se pelas informações sobre a

educação. O jornal enfatiza trechos de um dos palestrantes da noite do dia 15 de setembro, o Sr. Laudelino Medeiros.¹⁶

A utilização da fonte jornalística possibilitou dar visibilidade aos acontecimentos do **Primeiro Congresso Nacional do Negro**. Acredita-se que os assuntos registrados e levantados sobre esse acontecimento nos jornais contribuem como “indícios” importantes para reconstruir uma melhor compreensão e entendimento desse acontecimento.

As relações existentes entre a **empresa jornalística Caldas Júnior** e a comunidade negra merecem um maior aprofundamento, já que a visibilidade negra foi maior nos “veículos” ligados à empresa, inclusive com a participação do jornalista Archymedes Fortini, um dos homens mais importantes desse “veículo jornalístico”, conforme Breno Caldas salientou, em uma das mesas de conferência do *conclave*. Mas esse relacionamento, como foi observado, não foi somente no *congresso*, mas desde a fundação do primeiro jornal do grupo, o **Correio do Povo**, sendo a comunidade negra representada naquela ocasião individualmente por Paulino Azureña e coletivamente pela **Banda Floresta Aurora**.

Através desse relacionamento antigo, foi possível a parceria entre os organizadores do *congresso* e os veículos ligados à **empresa jornalística Caldas Júnior**, o que legitimou, através da mídia, o *encontro*,

sendo importante lembrar que essa empresa tinha sucursais em São Paulo e no Rio de Janeiro. Nesse sentido, como as demais empresas jornalísticas não anunciariam um *evento* que contava, além desse apoio, também com a parceria dos governos estadual, municipal e empresas privadas de alto porte? Eis que a visibilidade se difunde pelos outros jornais e periódicos porto-alegrenses como o **A Hora** e **Diário de Notícias**, além de jornal do centro do país, como o periódico **Correio da Manhã**, da cidade do Rio de Janeiro.

No jornal carioca, que circulou no dia 1º de outubro do ano de 1958, na página 03, foi publicado editorial de seguinte título: *Preconceitos*. Na ocasião, foi dado destaque ao resultado proposto pelos participantes do **Primeiro Congresso Nacional do Negro**: “Alfabetização intensiva do homem negro brasileiro”. O periódico enfatiza que o preconceito no Brasil não é racial e sim cultural. Conforme registrado no jornal:

A ausência de conflitos raciais no Brasil inspira certa preocupação em face de uma iniciativa como o I Congresso Nacional do Negro, em Porto Alegre [...] Encarado assim, aquele congresso impõe atitude de reserva. Mas também há outra perspectiva, mais positiva: o Congresso Nacional do Negro pode contribuir para despertar a consciência moral dos brancos [...] A cultura é, para o indivíduo, meio de aperfeiçoamento espiritual e profissional. Ou deveria ser. Mas

em nosso ambiente a cultura é, muitas vezes, rebaixada a meio de ascensão social. O diploma de bacharel ou outro, equivalente, é o bilhete de ingresso para aquilo que se chama, com algum exagero, a elite do país. É um ídolo falso; às vezes o diploma é mesmo falso. Não serve para distinguir o portador. Mas serve para fazê-lo, como se diz, distinto. Esse preconceito de cultura é ruinoso, no Brasil, para quase todos os pretos; mas também para muitos brancos.¹⁷

Apoiado por outras “ferramentas”, pretende-se contribuir ainda mais para dar visibilidade ao **Primeiro Congresso Nacional do Negro**, procurando acabar com o silêncio histórico em torno desse importante evento social, cultural e político proposto pelos integrantes da sociedade negra mais antiga do Brasil em parceria com a imprensa porto-alegrense e “amplos” setores da sociedade gaúcha e brasileira.

Notas

* Mestrando em História pela PUCRS vinculado ao PPGH sob orientação da Prof. Dra. Margaret Marchiori Bakos e Bolsista CAPES-Membro do GT Negros-ANPUH/RS.

1 Para saber mais, da divulgação impressa do *Congresso* ver Arilson dos Santos GOMES no artigo intitulado: *Análise de conteúdo: o condicionamento das informações sobre o Primeiro Congresso Nacional do Negro Brasileiro realizado em*

- Porto Alegre através dos periódicos Correio do Povo, Folha da Tarde e Revista do Globo.* Artigo publicado no site História e História, junho de 2007.
- 2 A Sociedade Beneficente Floresta Aurora foi fundada em 1872 a partir de dissidentes da Irmandade do Rosário de Porto Alegre. É a sociedade negra em atividade mais antiga do Brasil. Para saber mais da Floresta Aurora ver, Liane MULLER. *As contas do meu rosário são balas de artilharia – Irmandade, jornal e sociedades negras em Porto Alegre, 1889-1920.* Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1999.
- 3 CALDAS, Breno. *Uma vida dentro da outra.* Porto Alegre. Correio do Povo – Caderno Especial – 1º seção. 01/10/1975. p.20.
- 4 Para saber mais, ver Arilson dos Santos GOMES no artigo intitulado: *Primeiro Congresso Nacional do Negro Brasileiro realizado em Porto Alegre no ano de 1958.* Porto Alegre: VI Congresso Internacional de Estudos Ibero-Americanos – PUCRS, Out. 2006.
- 5 Para saber mais, ler Deivison Moacir Cezar de CAMPOS. *O Grupo Palmares (1971-1978): Um movimento de subversão e resistência pela construção de um novo espaço social e simbólico.* Dissertação de Mestrado Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2006. p. 43-53.
- 6 Para saber mais, ver Arilson dos Santos GOMES no artigo intitulado: *Primeiro Congresso Nacional do Negro Brasileiro realizado em Porto Alegre no ano de 1958.* Porto Alegre: VI Congresso Internacional de Estudos Ibero-Americanos – PUCRS, Out. 2006.
- 7 ATAS de reuniões da SBFA de números 255 e 263. Porto Alegre, 06 de julho e 12 de outubro de 1958, [sp].
- 8 Para saber mais dos organizadores, participantes e locais de realizações dos Congressos e Encontros que antecederam o Primeiro Congresso do Negro de Porto Alegre, ver Arilson dos Santos GOMES em *Idéias Negras em Movimento.* III Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional. São Leopoldo: OIKOS, 2007.p.78-79.
- 9 “O Jornal A Alvorada, provavelmente, seja o periódico de maior longevidade desta fase denominada de imprensa negra.” Para saber mais, ler José Antônio dos SANTOS. *Raiou “A Alvorada”: Intelectuais negros e imprensa, Pelotas – 1907-1957.* Dissertação de Mestrado, Universidade Federal Fluminense, 2000. p. 61.
- 10 As informações sobre o apoio das empresas jornalística Caldas Jr. Constam na ATA de reunião número 252. Porto Alegre, julho de 1958. [sp].
- 11 [s.n]. *Homens de cor de vários Estados no I Congresso Nacional do Negro.* Porto Alegre: Folha da Tarde, 15/09/1958. p. 14.

12 CALDAS, Breno. *Uma vida dentro da outra*. Porto Alegre: Correio do Povo – Caderno Especial – 1º seção, 01/10/1975. p. 20.

13 As informações no jornal *Correio do Povo* são localizadas no dia 16 de setembro de 1958, na página 13, e no dia 20 de setembro de 1958, na página 07. Já as informações diárias do Congresso são localizadas no jornal *Folha da Tarde* dos dias 11, 13, 15, 17, 18 e 19 de setembro de 1958. Ambos os jornais são localizados no MCSHJC.

14 [s.n.]. *Alfabetização intensiva do homem negro brasileiro*. Porto Alegre: A HORA, 18/09/1958. p. 5.

15 Ibid.

16 MEDEIROS, Laudelino. *Trabalhos do 1º Congresso Nacional do Negro seguem com grande entusiasmo*. Porto Alegre: Diário de Notícias, 18/09/1958. p. 11.

17 Editorial. *Preconceitos*. Rio de Janeiro: Correio da Manhã, 01/10/1958.[sp].

FONTES CONSULTADAS

IMPRESSAS

Jornais A Hora, Correio do Povo, Diário de Notícias e Folha da Tarde Porto Alegre, setembro de 1958.

Revista do Globo número 727, outubro de 1958, p. 86-87.

Registro de ATAS da Sociedade Beneficente Floresta Aurora, Porto Alegre, janeiro a outubro de 1958, [sp].

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRUM, Argemiro J. *O desenvolvimento econômico brasileiro*. Petrópolis/RJ: Vozes, 1984.

CAMPOS, Deivison Moacir Cezar. *O Grupo Palmares (1971-1978): Um movimento negro de subversão e resistência pela construção de um novo espaço social e simbólico*. Dissertação de Mestrado orientada pelo Prof. Charles Monteiro. PPGH-PUCRS. Porto Alegre, 2006.

GOMES, Arilson dos Santos. *Análise de conteúdo: o condicionamento das informações sobre o Primeiro Congresso Nacional do Negro Brasileiro realizado em Porto Alegre através dos periódicos Correio do Povo, Folha da Tarde e Revista do Globo*. Artigo publicado no site *História e História*, junho de 2007. Disponível no site: <http://www.historiaehistoria.com.br/indice.cfm?tb=alunos>. Acesso em 24 jun. 2007.

GOMES, Arilson dos Santos. Idéias negras em movimento. *III Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional*. Florianópolis/SC. São Leopoldo: OIKOS, 2007. p. 78-79.

Disponível no site do III Encontro Escravidão e Liberdade. Disponível no site: <http://www.labhstc.ufsc.br/pdf2007/9.9.pdf>. Acesso em: 25 jul.2007.

GOMES, Arilson dos Santos. *Primeiro Congresso Nacional do Negro*

-
- Brasileiro realizado em Porto Alegre no ano de 1958. Porto Alegre: VI Congresso Internacional de Estudos Ibero-Americanos – PUCRS, 2006.
- KIENTZ, Albert. *Comunicação de massa*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1973.
- LAZZARI, Alexandre. “*Certas coisas não são para que o povo as faça*”: *Carnaval em Porto Alegre 1870 – 1915*. Dissertação de Mestrado orientada Profa. Dra. Maria Clementina Pereira Cunha. Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, 1998.
- MOTA, Carlos Guilherme. *Ideologia da cultura brasileira (1933-1974)*. São Paulo: Ática, 1980.
- MÜLLER, Liane Suzan. “*As contas do meu rosário são balas de artilharia*” – *Irmandade, jornal e sociedades negras em Porto Alegre 1889-1920*. Dissertação de Mestrado orientada pela Profa. Margaret Marchiori Bakos. PPGH-PUCRS. Porto Alegre, 1999.
- SANTOS, José Antônio dos. *Raiou “A Alvorada”*: *Intelectuais negros e imprensa, Pelotas (1907-1957)*. Dissertação de mestrado orientada pelo Prof. Dr. Geraido de Beauclair Mendes de Oliveira. PPGH-UFF. Niterói, 2000.

Reserva da vagas na Universidade: A comunicação implícita nessa questão

Ezequiel de Souza¹
Hênio Santos de Almeida²

A discussão sobre as cotas para negros em universidades públicas é um tema polêmico que novamente está em pauta, a partir de reportagens de alguns meios de comunicação. Apresentando a questão como uma tentativa de criar uma divisão social baseada na raça, algo que seria estranho à realidade brasileira, tais reportagens tomam posição e formam a opinião de parcela significativa da sociedade brasileira.

No entanto, o acesso à educação é reivindicação histórica do movimento negro brasileiro. Como demonstramos em outro momento, o término da escravidão significou a exclusão social para a maior parte da população negra (Souza e Almeida, 2005). A percepção dessa exclusão social mobilizou amplo movimento intelectual e político na Constituinte de 1945, reivindicando a cidadania plena para o povo negro, que, sem sombra de dúvida, passava pelo direito e acesso à educação (Souza et al., 2006).

Os afro-descendentes têm se articulado a partir de duas frentes de ação. A primeira é a chamada “comunidade afro”, possuindo sua ênfase no aspecto cultural, buscando manter os vínculos com a África. A segunda é a

chamada “comunidade negra”, possuindo sua ênfase no aspecto político, buscando a superação do racismo e da exclusão social, bem como o resgate e a afirmação da identidade negra (Acosta-Leyva, 2005B).

A existência de duas frentes de ação não significa uma cisão dentro do movimento. Isso porque, desde o ponto de vista da negritude, afro e negro são termos intercambiáveis. Não é possível pensar em um desses aspectos sem levar em consideração o outro (Acosta-Leyva, 2005A). A distinção é meramente analítica, a fim de podermos visualizar as diferentes formas de atuação do movimento negro brasileiro.

Uma demanda individual torna-se uma demanda social a partir do momento em que é compartilhada por um grupo significativo da sociedade. A formação desse grupo é resultado de lutas por classificação que buscam impor signos distintivos para produzir o sentimento de pertença nos indivíduos (Bourdieu, 1989). No caso do povo negro, o elemento unificador já estava dado: o estigma da cor (Goffman, 1988). Unindo-se para superar as limitações impostas pela situação de exclusão social, o povo

negro converteu estigma em estandarte, ou, *mutatis mutandis*, a identidade atribuída tornou-se identidade adquirida (Souza et al., 2006).

Reivindicar um direito não é uma tarefa fácil. É preciso convencer a sociedade da validade da reivindicação. Isso só é possível com a utilização de argumentos compreensíveis e interessantes, a fim de conquistar o maior número de adeptos e simpatizantes à causa. Ao encontrar ressonância na sociedade, as demandas sociais exigem uma tomada de decisão (Habermas, 1997). Nesse momento, a ação dos meios de comunicação torna-se decisiva.

Desde Leibniz, é aceito que o ser humano, ainda que seja uma nômade individual, pode comunicar-se com outros seres humanos (Tillich, 2004). Classicamente, o sistema de comunicação por meio da linguagem pode ser dividido, *grosso modo*, em três partes: emissor, mensagem e receptor. O caráter imediato da comunicação levaria a uma interação dinâmica com alternância de papéis entre emissor e receptor, de modo que não haveria elemento passivo.

No século XX, surgiram meios de comunicação de massa de caráter mediado. De acordo com a Teoria Hipodérmica, esse tipo de mídia injetaria conteúdos diretamente no cérebro dos receptores, reduzidos a uma massa amorfa e passiva. Evidentemente, o equívoco dessa teoria foi percebido em pouco tempo: o receptor não é apenas um agente passivo, mas

também ativo, na medida em que ele tem o papel de decodificar a mensagem que lhe é enviada.

No início do século passado, havia a crença generalizada na existência de uma cultura surgida espontaneamente das massas populares. Criticando essa idéia, Adorno e Horkheimer cunharam o conceito “indústria cultural”, que deixa claro que essa cultura é produto fabricado para ser consumido, assim como um sabonete ou um carro (Adorno e Horkheimer, 1971). Para eles, a indústria cultural retirou o valor tanto da cultura popular quanto da cultura erudita, pois, pelo princípio da reprodução, a obra seria nivelada por baixo. Assim sendo, a criticidade do receptor não é possível, pois a cultura foi transformada em valor.

Uma vez que os meios de comunicação de massa se constituem como vias de mão única, eles não geram conhecimento, proporcionando tão-somente informações parciais. Para haver elementos suficientes para uma tomada de decisão, seriam necessárias duas fontes distintas de informação, no mínimo. Assim, o confronto de argumentos de cada parte possibilitaria o aprofundamento da questão.

As lutas para a inclusão do negro por meio da escola ganharam força com a formação de educadores negros. Sua presença na escola denuncia a invisibilidade a que o povo negro era submetido, melhorando a auto-estima de crianças negras (Triumpho, 2004).

Historicamente, a presença de afro-descendentes nas universidades brasileiras é insignificante (Souza, 2004). Nos casos em que afro-descendentes ingressam na universidade, permanece a limitação das possibilidades. Há uma concentração de alunos negros em determinados cursos, enquanto estão praticamente ausentes de outros de maior prestígio social (Teixeira, 2003).

Assim, parece-nos justificável a adoção de cotas para negros em universidades públicas, pois esse expediente proporcionaria maior integração e troca de experiências, fato que, em nosso entendimento, enriqueceria o conhecimento produzido nessas instituições. Podemos afirmar isso porque conhecemos alguém que é fruto dessas políticas nos Estados Unidos e que foi muito importante em nossa formação acadêmica: o professor Peter Nash (Nash, 2002).

Sabemos das dificuldades em definir quem poderá ser beneficiado pelas cotas. O exemplo da Universidade de Brasília, com o chamado “tribunal racial”, é paradigmático das dificuldades que serão enfrentadas (Steil, 2006). No entanto, é possível aprender com os erros cometidos. Temos acompanhado os debates do Conselho Universitário da UFRGS em relação à implementação gradativa de cotas raciais e sociais.

A proposta encaminhada para a votação prevê a implementação de uma reserva de 5% das vagas para negros e 5% para alunos oriundos de escola pública no primeiro ano, 10% no

segundo e, no terceiro ano, 20% para cada segmento. O critério de elegibilidade para a reserva de vagas para negros seria o “rótulo” e não a “origem”, pois foi entendido que o preconceito racial no Brasil é baseada no epifenômeno e não na descendência. Enquanto redigimos esse artigo, possivelmente a decisão dos conselheiros já tenha sido tomada. Ficamos na expectativa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACOSTA-LEYVA, Pedro. 2005A. A negritude como história. **Identidade**: Boletim do Grupo de Negros da EST, São Leopoldo, v. 08, p. 21-26, jul./dez. 2005.
- ACOSTA-LEYVA, Pedro. 2005B. **Historiografia afro/negra**: Una aproximación a un concepto de historia a partir de las Consultas Internacionales de Teología Negra efectuadas en 1985, 1994, 2003. Dissertação de Mestrado. São Leopoldo: EST/IEPG, 2005.
- ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialéctica del Iluminismo**. Buenos Aires: Sur, 1971.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa: DIFEL/Bertrand, 1989.
- GOFFMAN, Erving. **Estigma**: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1988.
- HABERMAS, Jürgen. **Direito e democracia**: Entre faticidade e validade. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.

NASH, Peter T. A questão da ação afirmativa está em pauta no Brasil.

Identidade: Boletim do Grupo de Negros da EST, São Leopoldo, v. 03, n. 1-2, p. 03-04, jan./ago. 2002.

SOUZA, Ezequiel de. Heróis e heroínas desconhecidas. **Identidade:** Boletim do Grupo de Negros da EST, São Leopoldo, v. 06, p. 04-06, jul./dez. 2004.

SOUZA, Ezequiel de; ACOSTA-LEYVA, Pedro; MELLO, Luis C. História do Grupo Identidade: Uma década de vida e contribuições.

Identidade: Boletim do Grupo de Negros da EST, São Leopoldo, v. 09, p. 06-14, jan./jun. 2006.

SOUZA, Ezequiel de; ALMEIDA, Hênio Santos de. Breve retrospectiva da história dos afro-descendentes no Brasil. **Identidade:** Boletim do Grupo de Negros da EST, São Leopoldo, v. 08, p. 04-11, jul./dez. 2005.

SOUZA, Ezequiel et.al. Espaço para os afro-descendentes. **Novolhar**, São Leopoldo, ano 04, n. 12, p. 28-29, set./nov. 2006.

STEIL, Carlos Alberto (Org.). **Cotas raciais na Universidade:** Um

debate. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2006.

TEIXEIRA, Moema de Poli. **Negros na Universidade:** Identidade e trajetórias de ascensão social no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Pallas, 2003.

TILLICH, Paul. **Perspectivas da Teologia Protestante nos séculos XIX e XX.** 3. ed. São Paulo: ASTE, 2004.

TRIUMPHO, Vera R. S. Coletivo Estadual de Educadores Negros: Compromissos com a educação das relações étnico-raciais. **Identidade:** Boletim do Grupo de Negros da EST, São Leopoldo, v. 06, p. 21-26, jul./dez. 2004.

Notas

1 Bacharel em Teologia pela Escola Superior de Teologia (EST). Estudante de Ciências Sociais na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e membro do Grupo Identidade.

2 Estudante de Teologia na Escola Superior de Teologia (EST) e membro do Grupo Identidade.

Aconteceu...

Com muita alegria concluímos o IV módulo do PROFAMPA BH Programa de Formação para Agentes Multiplicadores da Pastoral Afro conforme o calendário previsto: 31 de março e 01 de abril de 2007.

Gostaríamos de agradecer o Centro ATABAQUE de Teologia e Cultura Negra, a Conferência de Religiosos do Brasil (CRB-BH e CRB/RJ) e o Grupo de Reflexão de Religiosos/as Negros/as e Indígenas GRENI. Um agradecimento especial à Fundação Luterana de Diaconia-FLD pela parceria e apoio financeiro.

O PROFAMPA/BH atingiu seu objetivo capacitando 78 participantes entre estes líderes comunitários, quilombolas, professores e pesquisadores, que se despertam para a realidade negra nas comunidades e atuam junto às mesmas. Temos a convicção que nosso esforço para a realização desse evento trouxe aprendizagens significativas não só para os organizadores e participantes, mas para as mudanças na sociedade como um todo. Mais uma vez comprovamos que, unindo propósitos e articulando forças, alcançaremos mais facilmente nossas metas.

Está acontecendo...

ENCONTRO DE ESTUDOS A PARTIR DA CARTILHA JUSTIÇA TRANSFORMADORA: SER IGREJA E SUPERAR O RACISMO **Documento do Conselho Mundial de Igrejas**

Com a finalidade de dar continuidade às discussões do III Simpósio Abrindo as Portas das Igrejas, que teve como tema “Fé e diversidade cultural” (realizado em novembro de 2006, na EST), e com o objetivo de promover a multiplicação da cartilha, fazendo uma tentativa de implementação da mesma como referencial de estudos nas comunidades cristãs, lançamos o desafio de o levarmos para as igrejas e nos reunirmos novamente para uma leitura, discussão e estudo em conjunto. Informações sobre o encontro:

DATA: 31 de agosto e 1º de setembro de 2007

LOCAL: Escola Superior de Teologia EST em São Leopoldo RS/Brasil

PROMOÇÃO: Grupo Identidade da EST/IECLB

APOIO: COMIN, Grupo Assessor de Etnia/IECLB, FLD, CENACORA, CEBI

INSCRIÇÕES: Até 15 de agosto (ou até preencher as 80 vagas).



Caro/a leitor/a,

Agradecemos aos leitores que têm nos enviado mensagens com opiniões e solicitado exemplares do **identidade!** Agradecemos também ao bibliotecário Germano Streese, do Luther College em Decorah, Iowa USA, que nos enviou o artigo do professor John Burdick, publicado em inglês, contendo referências sobre o Grupo Identidade da EST/IECLB.

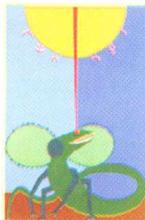
Para acessar as publicações anteriores, disponibilizamos os últimos três volumes no site da EST. Basta entrar no site www.est.edu.br no setor Revistas/Identidade; os textos estão em formato pdf.

Convidamos para que enviem seus textos, resultados de pesquisas e/ou trabalhos científicos, (6 a 8 laudas com referências), para avaliação, para o segundo semestre do ano de 2007, vol. 12, *Cultura e Negritude*. Os textos deverão ser enviados para identidade@est.edu.br e para selenir@est.edu.br até 30/09/2007.

Aguardamos correspondência com pareceres e sugestões!

Prof^ª. Ms. Selenir C. Gonçalves Kronbauer

Relendo Raça, Bíblia e Religião



Peter T. Nwadi



Informações:

CEBI - Tel.: (51) 3568-2560

EST - Tel.: (51) 2111-1400

Informações:

CEBI - Tel.: (51) 3568-2560

NEGRA SIM, NEGRO SIM, COMO DEUS ME CRIOU



Leitura da Bíblia na Perspectiva da Negritude

